

A SUPERVISÃO PSICANALÍTICA A PARTIR DA ORIENTAÇÃO LACANIANA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

PSYCHOANALYTIC SUPERVISION FROM A LACANIAN DIRECTION: A LITERATURE REVIEW

Paula Dias Moreira Penna¹

Resumo

Desde Freud a prática de compartilhar casos com outros colegas era frequente e parecia necessária tanto para Freud, que procurava compreender sua clínica, quanto para os psicanalistas menos experientes, que o buscavam para se orientarem sobre algum impasse clínico. Com a consolidação da International Psychoanalytical Association [IPA], a supervisão passou a ser uma imposição da instituição psicanalítica para garantir a formação de um analista. Tratava-se de uma garantia para a instituição e para o paciente em análise de que o psicanalista não cometera erros e que seguiria fielmente os preceitos e a técnica psicanalítica. A supervisão fazia parte de um conjunto de regras que, de alguma forma, justificavam a existência da instituição e davam a ela o lugar da formação. Diferentemente da prática da IPA, Lacan rompe com essa linha da garantia e constitui uma nova forma de se conceber a supervisão, assim como a própria formação do analista. Ele funda sua própria escola e propõe uma lógica de supervisão que considera a relação transferencial e o desejo do analista. O objetivo desse trabalho foi fazer um levantamento bibliográfico da obra de Jacques Lacan sobre a supervisão. Para a concepção da supervisão de orientação lacaniana, foram extraídos cinco eixos de análise: 1) a relação transferencial; 2) a posição terceira; 3) o lugar encruzilhado; 4) a subjetividade segunda e 5) o lugar da transmissão.

Palavras-chave: supervisão, transmissão, formação do analista.

Abstract

Since Freud, the practice of sharing cases with other colleagues was frequent and seemed necessary both for Freud, who sought to understand his practice, and for less experienced psychoanalysts, who sought him out for guidance in some clinical impasse. With the consolidation of the International Psychoanalytical Association [IPA], supervision became an imposition of the psychoanalytic institution to guarantee the training of an analyst. It was a guarantee for the institution and for the patient under analysis that the psychoanalyst would not make mistakes and would faithfully follow the precepts and psychoanalytic technique. Supervision was part of a set of rules that, in some way, justified the existence of the institution and gave it the place of training. Unlike the practice of IPA, Lacan breaks with this line of guarantee and constitutes a new way of conceiving supervision, as well as the analyst's own training. He founds his own school and proposes a logic of supervision that considers the transference relationship and the analyst's desire. The objective of this work was to carry out a bibliographical survey of Jacques Lacan's work on supervision. For the conception of Lacanian-oriented supervision, five axes of analysis were extracted: 1) the transference rapport; 2) the third position; 3) the crossroads place; 4) second subjectivity and 5) the place of transmission.

Keywords: supervision, transmission, analyst training.

¹ Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente na Universidade Fumec (FUMEC)
Contato:
pauladiasmp.psi@gmail.com

Editor-associado: Julia Somberg
Alves

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 08/10/2024

Publicado em: 23/12/2024

Citar: Penna, P. D. M. (2024). A supervisão psicanalítica a partir da orientação lacaniana: Uma revisão de literatura. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 271-280.



Desde Freud a prática de compartilhar casos com outros colegas era frequente e parecia necessária tanto para Freud, que procurava compreender sua clínica¹, quanto para os psicanalistas menos experientes, que o buscavam para se orientarem sobre algum impasse clínico. Com a consolidação da *International Psychoanalytical Association* [IPA], a supervisão passou a ser uma imposição da instituição psicanalítica para garantir a formação de um analista. Tratava-se de uma garantia para a instituição e para o paciente em análise de que o psicanalista não cometeria erros e que seguiria fielmente os preceitos e a técnica psicanalítica. A supervisão fazia parte de um conjunto de regras que, de alguma forma, justificavam a existência da instituição e davam a ela o lugar da formação. Diferentemente da prática da IPA, Lacan rompe com essa linha da garantia e constitui uma nova forma de se conceber a supervisão, assim como a própria formação do analista. Ele funda sua própria escola e propõe uma lógica de supervisão que considera a relação transferencial e o desejo do analista.

Um analista se dirige a outro analista a partir de sua prática. De onde surge essa demanda? Qual sua função na formação do psicanalista? Essas são questões que guiarão a escrita desse trabalho. Levantaremos as formulações lacanianas sobre a supervisão, que servirão de norte para tentar responder essas perguntas. Lacan nos dá elementos para refletir sobre o papel do supervisor e da própria supervisão. Portanto, é imprescindível recolher seus achados e escritos. Destes, foi possível extrair para a concepção da supervisão cinco eixos de análise: 1) a relação transferencial; 2) a posição terceira; 3) o “lugar encruzilhada”; 4) a subjetividade segunda e 5) o lugar da transmissão.

A direção clínica lacaniana da supervisão

A supervisão foi proposta como sendo um dos componentes do tripé da formação do psicanalista, juntamente com o estudo teórico e a análise pessoal. No ano de 1956, na ocasião do centenário do nascimento de Freud, o psicanalista francês Jacques Lacan publica em *Les Études Philosophiques* o texto “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” (Lacan, 1956/1998) no qual elabora algumas críticas ao modelo de instituição como a IPA. Segundo Lacan, a consolidação da IPA desviou a proposta de Freud transformando-a numa espécie de garantia do exercício da verdadeira psicanálise pelos praticantes, tentando evitar, assim, qualquer possível desvio. A supervisão teria como função controlar a prática do analista e também garantir ao paciente em análise aquilo pelo que uma instituição deve zelar: a correta aplicação de uma técnica. A supervisão faria parte do conjunto de regras que de alguma forma justificariam a existência da própria instituição psicanalítica: a de ser um lugar de formação e de manutenção da psicanálise na sociedade (Safouan, Julien e Hoffman, 1996). Serão recolhidas da obra lacaniana alguns excertos nos quais uma direção clínica para a supervisão é apontada.

Inicialmente, é interessante notar no relato do supervisionando de Lacan, Houda Aumont, à Elisabeth Roudinesco, o modo como Lacan sustentava essa relação supervisor-supervisionando:

De uma maneira geral, ele sempre evitava transmitir um saber constituído, ele não indicava uma maneira certa de fazer. Buscava compreender como eu funcionava e me obrigava a ser analista descobrindo de certo modo meu

¹ O psicanalista Rômulo Silva (2019), em sua tese de doutorado, recolhe das correspondências entre Freud e Wilhelm Fliess excertos que mostram que Freud ora endereçava a Fliess ora questões relativas à sua “análise pessoal”, ora relativas aos seus questionamentos, incertezas e dúvidas sobre seus casos clínicos, algo similar à uma experiência de supervisão.

‘estilo’. Ele forçava o outro a não fazer economia de sua singularidade e, ao mesmo tempo, era rigoroso nos princípios. Podia-se tudo fazer e tudo dizer, com a condição de manter com o paciente uma distância simbólica: por exemplo, ele não aceitava que falássemos de nós a um paciente em análise (Roudinesco citada por Safouan et al., 1996, p. 53).

Na *Révue Française de Psychanalyse* do ano de 1949, data em que Lacan ainda era membro da IPA, encontramos um relatório da Comissão de Ensino da Sociedade Psicanalítica de Paris, que expõe alguns critérios de admissão nesta instituição. É importante destacar que nele há uma menção expressa à supervisão feita por Lacan: *“L’exposé et la discussion de cures, soit en tête à tête avec un psychanalyste, soit en séminaire de contrôle”*². Nessa menção, Lacan infere a importância de discutir a prática analítica com outro psicanalista em supervisão. Aqui, a supervisão parece ainda ter uma conotação de garantia da prática por um psicanalista mais experiente, apesar das críticas que Lacan venha a fazer sobre esse modelo posteriormente.

Na carta dirigida a Heinz Hartmann³ (1953/1976), Lacan ressalta as liberdades que propunha sobre a técnica, liberdades que determinaram as acusações de desvios que ele vinha sofrendo por parte da Sociedade Psicanalítica de Paris – SPP. Nessa passagem, Lacan indica a importância e o acolhimento dado aos seus supervisionandos, que, em outros lugares, só encontravam “desconfiança sombria e ironia tola”.

*S’ils me reprochent maintenant de prétendues libertés de technique, ils ont toujours pu en contrôler les effets, et ne les ont pas jugés défavorables. Et c’est au moment où je me suis conformé depuis des mois à la règle de tous sur le principe admis du contrôle professionnel, qu’ils en font une arme contre moi. [...] Je me suis donné tout entier à l’enseignement et à la formation des élèves. Je leur ai donné l’amour de notre technique et je les ai aidés dans mes contrôles et dans mes séminaires, en répondant à un besoin de connaître et de comprendre qui ne rencontrait ailleurs que défiance ombrageuse et sottise ironie*⁴ (Lacan, 1953/1976).

Nesse trecho, Lacan observa que se conformou à regra de todos sobre o princípio do controle⁵ profissional e que deu aos alunos amor pela técnica, ajudando-os nas supervisões e nos seus seminários, em função da necessidade deles de conhecer e compreender. Nos parece que nesse momento, Lacan destaca a acolhida dada àqueles que estavam chegando com sede de conhecimento da técnica psicanalítica. Ele ressalta aqui um ponto importante da transmissão que não passa necessariamente pela exposição do saber, mas sim pela produção de um saber a partir de uma transferência de trabalho.

No ano de 1962-63, no *Seminário 10, A angústia* (1962-63/2005), Lacan retoma alguns pontos teóricos cruciais para a supervisão em relação à dimensão da produção de saber e em pouco tempo ele rompe definitivamente com a IPA.

² “A apresentação e a discussão de tratamentos, seja cara a cara com um psicanalista, seja em seminário de controle (ou supervisão)” (tradução da autora).

³ O psiquiatra austríaco Heinz Hartmann, fundador da *Ego Psychology* foi envolvido nos conflitos da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) a propósito da eleição de Jacques Lacan ao título de membro titular. Foi presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA) de 1953 a 1959 (Roudinesco; Plon, 1998, pp. 327-328).

⁴ Se eles me reprovam agora pretensas liberdades de técnica, eles sempre puderam controlar os efeitos, e não os julgaram desfavoráveis. E é no momento em que me conformo desde alguns meses a regra de todos sobre o princípio admitido do controle profissional, que fazem disto uma arma contra mim [...] Eu me doei inteiramente ao ensino e à formação dos alunos. Dei a eles o amor pela nossa técnica e os ajudei nas supervisões e nos meus seminários, respondendo a uma necessidade de conhecer e de compreender quem só encontra alhures desconfiança sombria obscura e ironia tola (Lacan, 1953/1976, tradução nossa).

⁵ Historicamente, a primeira menção à prática da supervisão em Freud, aparece no texto “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1919/2006). Na versão original em alemão, Freud usa o termo *Kontrollanalyse*, que pode ser traduzido como ‘análise de controle’. Muito se discute sobre a melhor tradução deste termo. Ferenczi, que traduziu o texto de 1919 para o húngaro, utilizou o termo “controle”. Na tradução inglesa, normalmente utiliza-se o termo *supervision*. Na versão em espanhol, encontra-se o termo *análisis de control*, mas também pode ser encontrado o termo *supervisión*. Na tradução para o português, seguindo a linha da tradução do inglês, encontramos o termo supervisão. Em francês, usa-se o termo “controle”.

O que é ensinar quando se trata justamente de ensinar o que há por ensinar não apenas a quem não sabe, mas a quem não pode saber? E convém admitir que, até certo ponto, todos aqui estamos no mesmo barco, dado aquilo de que se trata. Observem bem a que incita, se assim posso me expressar, a situação de instabilidade. Se não houvesse essa instabilidade, um ensino analítico, este próprio Seminário, poderia ser concebido no prolongamento do que acontece por exemplo, numa supervisão na qual o que vocês soubessem é que seria trazido, e eu interviria apenas para oferecer o análogo da interpretação, ou seja, o acréscimo mediante o qual surge algo que dá sentido ao que vocês acreditam saber, e receba num lampejo o que é possível apreender além dos limites do saber (Lacan, 1962-63/2005, p. 26).

Aqui, Lacan é fiel ao objeto com que está lidando: aquilo que do sujeito, em função da própria estrutura, não se pode saber. Nesse sentido, ele nos indica o lugar do supervisor: aquele que sustenta uma posição de não saber, recebendo o relato do caso, e manejando a experiência de modo a possibilitar a apreensão de algo que ultrapassa os limites do saber. Em supervisão, estaríamos diante do inédito do caso, que surge quando uma experiência é endereçada a outro, numa relação sustentada pela transferência.

Em supervisão o que se pode oferecer é algo diferente do que se encontra nos livros e no ensino formal. Trata-se da transmissão de algo que não é da ordem do conhecimento, mas de um saber advindo da experiência com o inconsciente. Na supervisão, trata-se de uma experiência em que algo pode ser apreendido “além dos limites do saber”, como num lampejo: algo se revela.

A formação do psicanalista e a transmissão: o supervisor como subjetividade secundária e a posição terceira

A supervisão está associada a dois elementos fundamentais em psicanálise: o da formação do psicanalista e o da transmissão da psicanálise. A transmissão estaria sustentada na lógica do *Nachträglich* freudiano, ou seja, o *a posteriori*, ou o “só depois”. Os processos inconscientes só podem ser apreendidos num “só depois”, por meio de um cálculo que foge a um planejamento e a um raciocínio linear, e que se relaciona ao contingente da experiência clínica. O mesmo se passa na supervisão: é no ‘só depois’ que se pode averiguar os efeitos de um corte, de um ato, de uma escansão.

Em “Função e campo da fala e da linguagem” (1953/1998), Lacan já apontava algumas questões sobre a supervisão. Ele comenta que os jovens analistas que se deixarem levar pelo que chamou de “dons impenetráveis”, ou seja, o saber de analistas mais experientes “[...] não encontrarão nada melhor para retroceder do que referir-se ao sucesso das próprias supervisões [*contrôles*] a que se submetem. Do ponto de vista do contato com o real, a possibilidade mesma dessas supervisões se tornaria um problema” (Lacan, 1953/1998, p. 254), pois o saber prévio dos mestres jamais contemplaria a radicalidade do real.

Ao contrário dessa perspectiva criticada por Lacan, o supervisor manifesta uma “segunda visão”, já que a experiência é para ele tão instrutiva quanto para o supervisionando. Isso nos remete à ideia de que em supervisão, supervisor e supervisionando devem se manter destituídos de saber, ambos debruçados sobre a experiência que surge da contingência do caso clínico. Em suas palavras:

Muito pelo contrário, o supervisor manifesta nelas uma segunda visão, conviria dizer, que, para ele, torna a experiência ao menos tão instrutiva quanto para o supervisionando. E isso, quase que sobretudo por este último exibir menos esses dons, que alguns o tomam por ainda mais incomunicáveis, fazendo de seus segredos técnicos um embaraço maior (Lacan, 1953/1998, p. 254).

Para Lacan, o enigma na supervisão se sustenta na medida em que o supervisionando desempenha o papel de filtro ou de refrator do discurso do sujeito e, desta forma, “[...] apresenta-se inteiramente pronta ao supervisor uma estereografia⁶ que já destaca os três ou quatro registros em que ele pode ler a divisão constituída por esse discurso” (Lacan, 1953/1998, p. 254). O supervisionando, ao filtrar ou produzir uma refração do discurso do sujeito faz, nesse movimento, uma estereografia que ele endereça ao supervisor. Nela, destacam-se os registros em que se pode ler a divisão do sujeito.

Trata-se de um discurso que representa uma divisão que é apresentada pelo supervisionando, aquele que recorre à supervisão filtrando o dito do paciente e o organizando de maneira estereografada. Lacan completa este raciocínio afirmando que se o supervisor colocasse o supervisionando em uma posição subjetiva diferente da implicada comumente na supervisão, ele poderia aprender a se manter numa posição de subjetividade secundária, tal qual a assumida pelo supervisor em uma situação de supervisão. Annie Tardits, ao se referir a essa passagem, ressalta que o que se pode apreender em supervisão é o discurso e não um para-além do discurso; o analista deve se ater a este discurso e não o substituir pelo seu (Tardits, 2012).

Se o supervisionando pudesse ser posto pelo supervisor numa posição subjetiva diferente da implicada pelo sinistro termo *contrôle* (vantajosamente substituído, mas apenas na língua inglesa, por *supervision*), o melhor fruto que extrairia desse exercício seria aprender a se manter, ele mesmo, na posição de subjetividade secundária em que a situação coloca imediatamente o supervisor (Lacan, 1953/1998, p. 254).

Tal “subjetividade secundária” pode ser pensada como uma indicação de que supervisor e supervisionando estariam enlaçados, ambos divididos, interrogados frente aos pontos cegos dos fragmentos clínicos trazidos para a supervisão. Abre-se aí a perspectiva da produção de um saber. Assim, o supervisor encontra-se “[...] face a um pensamento segundo, em presença de um *Nebenmensch*⁷, ao mesmo tempo próximo e radicalmente diferente, em uma experiência de disparidade subjetiva” (Rabinovich, 2012, p. 50).

Safouan et al., no livro *O mal-estar na psicanálise: o terceiro na instituição e a análise de controle* (1996) nos ajudam a destrinchar essa passagem de Lacan. A potência da supervisão estaria na posição ocupada pelo supervisor, a de uma subjetividade secundária. É ela que permite uma leitura daquilo que o supervisionando terá lido no que ouviu.

Para se persuadir da justeza dessa percepção, basta recordar como acontece, às vezes, de um analista em controle se encontrar num impasse, mas a metáfora que ele utiliza para descrever a atitude de seu (sua) analisante indica indubitavelmente que ele tem, sem o saber, a chave da solução. Basta apontá-la. [...] Resumindo, o que o analista em controle recebe como saber não é um saber da técnica, mas um saber do que ele sabe à sua revelia” (Safouan et al., 1996, p. 36-37).

Esses autores ressaltam também que é preciso reconhecer nessa posição de subjetividade segunda do supervisor o lugar do terceiro, assim como o terceiro no dito espirituoso que, ao rir, atesta o retorno do recalcado. A supervisão é uma operação “onde se faz aparecer num átimo o que é possível captar além dos limites do saber” (Lacan, 1962-63/2005).

Considerar a posição terceira na supervisão marca uma diferença do modelo proposto pela IPA, um modelo baseado numa posição dual em que o supervisionando deveria se apagar para que o supervisor

⁶ Estereografia é a arte de representar objetos tridimensionais em um plano.

⁷ Termo alemão que traz a acepção de ‘proximidade’, ‘vizinhança’, e é por várias vezes utilizado por Freud.

apreciasse a demanda do analisante. Ampliar esse campo implicaria em localizar a “relação de junção-disjunção entre dois lugares da psicanálise - lá onde o analista conduz uma análise, lá onde ele fala com um ou mais terceiros sobre seu trabalho de analista. Em razão dessa relação entre “dentro” e “fora”, um dia, pode se instaurar o controle, ou o que Lacan chama de uma super audição” (Safouan et al., 1996, p. 52). A psicanálise se inventa graças a esse fora, que permite que conte três. A inauguração da psicanálise está ligada a uma relação ternária, haja visto que a aposta clínica do tratamento da histeria pôde ser testemunhado por Breuer e recebido por um terceiro, Freud. A supervisão se presta a

[...] reafirmar essa distância ou clivagem do analista em controle, na ocasião, autenticá-la. Em suma, o que habilita o analista de controle para o exercício de sua função não é tanto seu saber ou conhecimento da “técnica” quanto o fato de que sua posição o torna mais bem colocado para ver os perigos nos quais às vezes tropeça o analista em controle. Para se persuadir da justeza dessa percepção, basta levantar a questão de se Freud teria ganho de causa contra Eros, se tivesse estado na mesma posição que Breuer, com a inteligente e patética Anna O... (Safouan et al., 1996, p. 36).

Ainda sobre a posição terceira, vale lembrar que na Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, Lacan destaca que “[...] o psicanalista só se autoriza de si mesmo”. (Lacan, 1968/2003, p. 248), ou seja, a partir de um desejo não anônimo. Para ele, nenhum ensino pode explicitar o que é a psicanálise: ela é uma experiência original que implica um *a posteriori*, efeito de tempo que lhe é radical (Lacan, 1964/2003, p. 251). A supervisão se impõe como responsabilidade, ligada ao desejo de cada um. Nesse sentido,

[...] autorizar-se sozinho a ocupar o lugar do psicanalista não é acreditar-se o único a estar só. Pelo contrário, é compartilhar a solidão comum do ato analítico, autorizando-se com alguns outros. Esse é o lugar do terceiro reencontrado: poder testemunhar, diante de seus pares, sobre questões de peso, surgidas na prática analítica, questões para as quais a resposta a encontrar não se sustenta sem o assentimento de alguns outros (Safouan et al., 1996, p. 12).

Na *Carta aos italianos* (1978), Lacan afirma que “nem todo ser a falar poderia se autorizar a fazer um analista. A prova é que a análise é necessária, embora não suficiente” (p. 156). Podemos pensar que se ela não é suficiente para se fazer um analista, seria necessário algo a mais: a posição terceira. É aí que está o lugar da supervisão, “como um dar-a-ler os efeitos do ato” (Safouan et al., 1996, p. 54). Considerar que a supervisão é uma ‘super-audição’, não é apenas porque o supervisor ouve o que o supervisionando diz ter ouvido do analisante; mas sim porque o supervisor “[...] tem de ouvir o que, logo em seguida, o analista em controle lê pra ele em voz alta, decifrando o que se ouviu por meio do dito de seu analisante. A super audição é a audição do lido do ouvido” (Safouan et al., 1996, p. 54).

Supervisão e transferência

Há ainda uma outra dimensão da supervisão a ser considerada. “No começo da psicanálise está a transferência” (Lacan, 1964/2003, p. 252). A transferência cria uma objeção à chamada intersubjetividade, refutando-a, tornando-se seu obstáculo. O sujeito suposto saber é o eixo que sustenta a transferência (Lacan, 1964/2003, p. 253). Quando a verdade se expressa por meio dos sintomas e do sofrimento, o sujeito crê haver em algum lugar um saber sobre essa verdade, ou seja, acredita que o analista o detenha. É a suposição de saber que empurra o sujeito à análise (e também à supervisão). Porém, é em um segundo momento, no curso da análise ou da supervisão que o analisando faz coincidir esse sujeito suposto saber com o seu analista. O

analista aceita ocupar esse lugar, mas, por outro lado, não se toma como tal, ele sabe que não o é, ou seja, de saber suposto, nada sabe. Lacan (1978) afirma que se trata de uma trucagem, um truque:

Como é que sussurramos ao sujeito que chega a vocês em análise alguma coisa que tem por efeito curá-lo, é uma questão de experiência, na qual tem um papel o que eu chamei de sujeito suposto saber. Um sujeito suposto é um redobramento. O sujeito suposto saber é qualquer um que sabe. Ele sabe o truque, pois eu falei de trucagem na ocasião; ele sabe o truque, o modo pelo qual se cura uma neurose⁸ (Lacan, 1978).

Trata-se de uma clivagem que cava um não-saber diante da novidade de cada novo analisante e da singularidade de cada caso. Lacan relembra a recomendação de Freud de que ao abordar cada caso novo, é como se nada tivéssemos aprendido com suas primeiras decifrações. E evocando o Evangelho, ressalta que é preciso ter “ouvidos para não ouvir, ou dito de outra maneira, para fazer a detecção do que deve ser ouvido” (Lacan, 1953/1998, p. 254).

Esta é a mesma operação que se passa na supervisão: uma suspensão de todo o saber anterior do supervisor, de todo o saber que se sustentaria na famosa experiência acumulada. É essa suspensão que aproxima supervisor e supervisionando. O supervisor se porta como o analista no que tange à suposição do saber: é tomado como aquele que sabe, acolhe essa demanda, mas não a sustenta como tal, faz vacilá-la. Não há, em lugar algum, um sujeito no lugar do saber. “O não-sabido, longe de justificar a ignorância, ordena o âmbito do saber, ele cava o desejo do saber e funda esse imperativo: tu podes saber (*Scilicet*), logo, tu deves” (Safouan et al., 1996, p. 56).

Desta forma, supervisor e supervisionando encontram-se lado a lado como leitores, lendo o mesmo livro, a linguagem cifrada do inconsciente. O importante é que o desejo de saber faça laço social; “o saber só se conquista ao contar três. [...] Só uma organização, cuja lei se sustenta sem a relação dual que mantém o discurso do mestre, pode prosseguir o que já foi inaugurado na experiência analítica: contar pelo menos até três” (Safouan et al., 1996, p. 63).

Supervisão: lugar encruzilhada

É por meio do relato vivo que se sustenta a supervisão. Trata-se de um “lugar encruzilhada”⁹ entre dois discursos, conforme Lacan explicita no artigo “D’un discours à l’autre l’institution dite du controle” (1976):

[...] entre o discurso do analisante – discurso histérico, ou pelo menos histericizado pela situação do tratamento – e o discurso analítico – aquele que o analista é suposto sustentar, aquele do qual ele é, pelo menos funcionário –, a prática do controle institui um lugar privilegiado onde se encontra colocada à prova a articulação dos dois discursos. Lugar encruzilhada, conseqüentemente, e do qual estamos no direito de esperar que seja rico de ensinamentos.

Encruzilhada nos remete ao lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos... No sentido figurado, trata-se de um ponto crítico em que uma decisão deve ser tomada. Aqui, o que se cruza são dois discursos: um agenciado pela divisão (*\$*), o discurso da histérica e um discurso agenciado pelo *a*, o discurso do analista. Nessa encruzilhada, um saber é produzido.

⁸ Disponível em: https://apoa.org.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222

⁹ Encontra-se na página 204 da revista *Scilicet*, 6/7 (1976), uma referência à supervisão como *lieu carrefour*, ou seja, lugar encruzilhada (Penna, 2003).

Nesse levantamento dos excertos da obra lacaniana sobre a supervisão, é possível estabelecer uma orientação. Haveria três tempos para a supervisão:

- a) O primeiro tempo no qual o supervisionando busca um sentido sobre a experiência e, movido por uma angústia decorrente do real da clínica, a supervisão se impõe como um verdadeiro empuxo. Nesse primeiro tempo, o supervisor é colocado no lugar do saber, ou melhor, o supervisionando, movido pelo desejo de saber, coloca o supervisor como saber suposto.
- b) O segundo tempo se passa no encontro entre supervisionando e supervisor, no qual, como Lacan (1962-63/2005) nos indica no *Seminário 10: a Angústia*, o supervisor oferta algo semelhante à interpretação, através da qual ocorreria um acréscimo, o que se revela da ordem do inédito, que foge à lógica do saber exposto, da ordem de uma produção de saber referente ao saber inconsciente. Assim, o supervisor é aquele que permite que o analista ocupe seu verdadeiro lugar e não outro.
- c) O terceiro tempo é marcado por um giro, no qual o supervisionando já não espera uma mestria por parte do supervisor. Ambos são tocados e interrogados pelo fragmento do caso, produzindo efeitos de saber em ambos, o que caracterizaria uma verdadeira transmissão. Assim, o termo subjetividade secunda pode ser compreendido: o supervisor não mais no lugar de saber suposto, mas como segundo sujeito causado pela experiência analítica (Balbi, 2016). É por meio dos fragmentos, dos pedaços, dos rebotalhos, que uma colcha de retalhos é tecida, não sem seus buracos.

Ou seja, ainda que o supervisor seja colocado na posição de sujeito suposto saber, colhendo algo que escapa ao supervisionando, ele o faz como segunda visão. Trata-se de uma suposição que compõe a relação transferencial, tão cara à psicanálise. Por isso, podemos dizer da supervisão como experiência ensinante para supervisionando e para o supervisor, uma vez que o que está em causa é a experiência analítica e toda a possibilidade de equívoco que ela comporta, para deixar aberta a porta do inconsciente.

Conclusão

Lacan, em sua retomada do texto freudiano, nos dá uma direção inovadora em relação à supervisão, uma vez que, para ele, ela se impõe ao analista. Não há necessidade dela ser imposta por uma instituição. É a experiência clínica que impulsiona o analista para a supervisão, para o estudo teórico e até mesmo para a própria análise pessoal. É por esse motivo que se aponta para aquilo que ficou conhecido como o tripé quando se pensa da formação do analista.

Na revisão feita da obra lacaniana sobre a supervisão, pudemos recolher cinco eixos de análise que tomamos como parâmetros para se pensar a supervisão de orientação lacaniana, quais sejam: a relação transferencial, a subjetividade secundária, a posição terceira, o lugar encruzilhada e a dimensão da transmissão.

Na supervisão, a sustentação do supervisor no lugar de subjetividade secundária é fundamental para que a experiência seja tão instrutiva para ele como para o supervisionando; estão ambos divididos, interrogados frente ao caso clínico. Sustentar essa posição permite ressaltar o que o supervisionando terá lido no que ouviu, num movimento semelhante ao de uma estereografia, é essa a verdadeira potência da supervisão. O supervisionando, ao relatar o caso em supervisão, filtra e recompõe o discurso do sujeito, de

maneira estereografada. Ele se depara com o saber inconsciente, impossível de ser representado em sua totalidade, mas que exige dele um trabalho de construção.

É na supervisão que ficam escancarados os buracos, as lacunas discursivas que apontam para um limite do sentido. A escrita deste trabalho lança no horizonte a semelhança do que se passa em supervisão com o movimento da estereografia. Podemos pensar, também, a supervisão como um espaço em que algo da ordem da transmissão opera. Os processos do inconsciente só podem ser apreendidos num “só depois”, apreendidos para além dos limites do saber. O que o supervisionando recebe como saber não é um saber da técnica, mas um saber do que ele sabe à sua revelia (Safouan et al., 1996, pp. 36, 37). O lugar da transmissão toca radicalmente a lógica da responsabilidade e do desejo, ou seja, o desejo do analista assegura a continuidade de uma análise, de uma supervisão e mesmo da própria psicanálise na civilização.

Assim, diante de tantas promessas formativas em psicanálise na atualidade que escapam de uma sustentação ética de trabalho, retomar a base teórica lacaniana sobre a supervisão mostra-se fundamental. O analista ao se lançar pra supervisão, se permite escutar para além do que ouviu, trabalhar o caso e se permitir compreender menos do que se pensa ter compreendido, para continuar escutando.

Referências

- Balbi, L. (2016). A prática da supervisão interroga os analistas. Documentos para uma Escola VI – a terceira: uma escola para a Psicanálise. *Revista da Escola Letra Freudiana*. Ano XXXV, n. 0. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana.
- Houballah, A. (2009). Supervisão com Lacan. In Didier-Weill, A.; Safouan, M. (2009). *Trabalhando com Lacan*: na análise, na supervisão, nos seminários. Trad. Claudia Berliner. Rev. Téc. Leila Longo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1949). Rapport de la Commission de l'enseignement de la SPP Collaboration à la rédaction du rapport de la Commission de l'enseignement de la Société psychanalytique de Paris: Les conseillers et les conseillères d'enfants agréés par la Société psychanalytique de Paris. *Revue française de psychanalyse*. Jul-set., tome XIII, n° 3, pp. 436-441.
- Lacan, J. (1998). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In Lacan, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado em 1956).
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1953).
- Lacan, J. (1976). Lettre de Jacques Lacan à Heinz Hartmann. In La scission de 1953 (*Supplément à Ornica?*), n° 7, pp. 136-137 (Obra original publicada em 1953). Recuperado em 20/10/2022 de <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1953-07-21.pdf>>.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10 – a angústia*. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1962-63).
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In Lacan, J. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1964).

- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1968).
- Lacan, J. (2016). Conferência na Universidade de Columbia em 01 de dezembro de 1975. In Denez, F.; Volaco, G. C.(Orgs.). *Lacan in North America*. Porto Alegre: Editora Fi. (Obra original publicada em 1975).
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23 – O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1975-76).
- Lacan, J. (1976). D'un discours à l'autre l'institution dite du controle. *Scilicet 6/7*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2003). Preâmbulo [de Ato de Fundação]. In J. Lacan. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Obra original publicada em 1977).
- Lacan, J. (1978). *Lacan in Itália*. Milão: La salamandra.
- Lacan, J. (1978/1979). *A transmissão*. Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris. Publicado em *Lettres de l'École*, n. 25, vol. II, p. 219-220. Trad. André Oliveira Costa.
- Penna, L. M. D. M. (2003). *Psicanálise e Universidade: há transmissão sem clínica?* Belo Horizonte: Autêntica.
- Rabinovich, S. (2012). Pratiques du contrôle. *Carnets EPSF*, n. 87, set./out.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar.
- Safouan, M.; Julien, P.; Hoffman, C. (1996). *O mal-estar na psicanálise: o terceiro na instituição e a análise de controle*. Trad. Leda Mariza F. Bernardino. Campinas: Papirus.
- Silva, R. F. (2019). *A supervisão (controle) na formação do psicanalista*. Belo Horizonte: Relicário.
- Tardits, A. (2012). Le contrôle: quelques noms pour un lien singulier. *Carnets 84*. École de psychanalyse Sigmund Freud, jan./fev.